

BOLETIN DE TEOLOGÍA

Director: José M. Gómez Marlasca

Año 18, n° 35

1° Semestre 2002

INDICE

<i>Santo Antônio e a espiritualidade franciscano-menorita</i> José Antônio de C.R. de Souza	3
Reseñas	35

Copyright by Ediciones FEPAI, M. T. de Alvear 1640, 1° E, Buenos Aires.
Queda hecho el depósito de Ley 11.723. Se permite la reproducción total o parcial del contenido de este Boletín, siempre que se mencione la fuente y se nos remita un ejemplar.
ISSN 0326-792-X

SANTO ANTÔNIO E A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANO-MENORITA *

*José Antônio de C. R. de Souza ***

Tratar do tema em apreço, primeiramente, obriga-nos a esclarecer outros tantos aspectos indispensáveis à sua compreensão. À partida, ressaltamos que o cônego regular agostiniano, Fernando Martins, natural de Lisboa¹, ingressou na Ordem dos Menores no verão de 1220, na comunidade de Santo Antão dos Olivais, em Coimbra, tendo mudando o seu nome para Antônio, em homenagem ao orago daquele eremitério e, permaneceu nessa congregação até sua morte, em Arcela, na periferia de Pádua, em 13 de junho de 1231. Portanto, ele foi franciscano apenas durante onze anos. Antes, inicialmente, o Menorita olisiponense foi formado nas canônicas de São Vicente de Fora de Lisboa, aonde ampliou e aprofundou sua formação clerical regular² e intelectual³, graças aos mestres que aí teve, solidamente alicerçada no rico acervo que dispunha a sua biblioteca⁴, e depois, completou-a em Sta. Cruz de Coimbra⁵, aonde chegou à volta de 1210, aos dezoito anos de idade⁶.

Igualmente, convém dizer algo a respeito da formação clerical e da espiritualidade regular agostiniana. Resumidamente, afirmamos que os cônegos regrantes agostinianos, para além da observância do tríplice voto de obediência, castidade e pobreza que, no entanto, lhes assegurava o direito de propriedade em comum sobre os bens móveis que adquiriam ou que lhes tinham sido ofertados pelos fiéis, e por esse motivo, em pouco tempo, tornaram Sta. Cruz uma canônica rica⁷, se dedicavam à recitação do Ofício divino, consoante as horas canônicas, à meditação e ao estudo das Escrituras, e das outras ciências que auxiliavam na sua compreensão. Também exerciam a cura das almas em sua igreja paroquial, consagrada a São João, e nos arredores; praticavam obras de misericórdia espirituais e materiais, por exemplo, alimentado e dando esmolas aos pobres, (velhos, viúvas e órfãos) que batiam a sua porta, ensinando as primeiras letras, a catequese e o trívio e o quadrívio às crianças e aos jovens que aí acorriam, e ainda, inspirados em sua Regra, fundaram uma albergaria ou hospital para acolher

viajantes, peregrinos e enfermos.⁸

Ora, dedicar-se à *lectio et meditatio*, à formação de noviços e à educação de crianças e jovens de Coimbra, foram tarefas que, logo, levaram os cônegos a organizarem um *studium* de Teologia, impondo-lhes também a adquirir uma boa livraria e a montar um *scriptorium*, apetrechado com todos os recursos indispensáveis à cópia de livros, tanto os destinados à oração quanto aqueles outros aos estudos, os quais integravam a sua rica biblioteca⁹, consoante os códices que registram os livros que nela havia ou os que tinham sido emprestados a terceiros¹⁰. Não demorou muito, os cônegos copistas, a par dos amanuenses que laboravam na cúria diocesana, passaram a redigir os documentos régios e aqueles outros de interesse das pessoas, tais como, testamentos, contratos de compra e venda etc.¹¹

A análise dos conteúdos programáticos teológicos de escolas similares, bem como as indicações fornecidas pelo *Costumeiro* de São Rufo de Avinhão, cotejados com o sucinto relato da *Assidua*, relativo ao quotidiano de Fernando Martins em Sta. Cruz¹² e com as listas de livros constantes dos referidos códices, nos permitem perfilar a opinião de Dom António Montes Moreira, ao afirmar “(...) *que o curso teológico leccionado na canónica de Coimbra abrangia várias áreas: estudo sistemático de trechos da Escritura e dos Padres da Igreja ordenados por assuntos ou questões doutriniais (...); leitura e estudo da Bíblia ou pelo menos de alguns livros em forma cursória ou seguida, utilizando glossas e comentários bíblicos, espiritualidade, história eclesiástica; noções fundamentais de direito canónico etc. (...)*”¹³.

Para mais, essa é a única explicação plausível para a impressionante erudição sacra e profana de Santo Antônio, assaz evidente em sua *Opera* sermonária¹⁴, recolhida e absorvida em Sta. Cruz de Coimbra, como, aliás, Gama Caeiro o demonstrou e frisou muito bem¹⁵, e mais recentemente, frei Pinto Rema voltou a destacar.¹⁶

Entretanto, os documentos atestam que no interior daquela canônica, dirigida há alguns anos por D. João César, falecido em 1227, o ambiente não era dos

melhores. De fato, desde o início de seu governo, por causa de problemas afetos à sua competência jurisdicional, com implicações financeiras, o prior entrou em conflito com o bispo diocesano, o qual apelou à Santa Sé que, após examinar o litígio deu ganho de causa ao prelado.¹⁷ Ademais, o prior era pessoalmente negligente quanto à observância da Regra e ainda, em consequência, fazia vista grossa ao mau comportamento dos cônegos.

Com certeza, muitas vezes, Fernando Martins deve ter participado dos capítulos da comunidade em que, para além de se tratar dos interesses da mesma, inevitavelmente, aqueles problemas vinham à tona e eram discutidos, os quais, foram gerando em seu íntimo uma insatisfação e angústia, a par duma decepção com aquele estilo de vida religioso¹⁸, conforme podemos verificar em sua *opera sermonária*, ao criticar duramente o comportamento dos religiosos. Nem mesmo a ordenação presbiteral, recebida entre 1215 e 1218¹⁹, e o subsequente engajamento nas atividades inerentes ao ministério sacerdotal, como as celebrações da missa, a distribuição de outros sacramentos aos fiéis e as festividades religiosas em que podia ensinar-lhes a Palavra, não acalmaram seu espírito, dadas as contradições que via em sua comunidade.

Todavia, dois fatos acabaram interferindo radicalmente na vida de Fernando Martins, ambos relacionados com os Frades Menores. Não fazia muito tempo, talvez em 1218 ou 1219, chegaram em Coimbra uns poucos franciscanos italianos que se alojaram no eremitério de Santo Antão dos Olivais²⁰ nos arrabaldes da capital do reino. Missionários estrangeiros e pobres que eram por opção²¹, começaram a ir esmolar²² no suntuoso e rico mosteiro de Santa Cruz. Ao que parece, a essa altura, Fernando Martins ocupava o cargo de despenseiro, tarefa essa que lhe possibilitou estabelecer um contato mais estreito com aqueles religiosos diferentes, os quais devem lhe ter contado que o seu grupo havia sido fundado por um certo Francisco, natural de Assis, cuja trajetória de vida tinha sido uma aventura.

Mas o segundo acontecimento, foi bem mais decisivo para Fernando. Em 16 de janeiro de 1220²³, o Infante D. Pedro, filho de D. Sancho I (1185-1211), trouxe para Coimbra os restos mortais dos primeiros mártires franciscanos,

supliciados em Marrocos²⁴, os quais apenas, mediante o anúncio da Boa Nova, sem recorrer à força das armas, como, então, o faziam os Cruzados, tinham tentado atrair os muçulmanos à fé cristã. Impressionado com esse último acontecimento²⁵, Fernando Martins pediu aos Menores para ingressar em seu grupo, desde que, em seguida, lhe permitissem ir ser missionário no Marrocos²⁶, com o que frades concordaram. Antes, porém, reiteradas vezes, teve de pedir licença ao prior João César para mudar de religião, acabando por vencê-lo pela persistência. Em seguida, sem ter tido o tempo necessário para conhecer razoavelmente o espírito e os ideais que norteavam aquele grupo de religiosos²⁷, Antônio partiu para o Marrocos.²⁸

No entanto, como diz a *Assidua*²⁹, ao chegar àquela terra o Menorita lusitano adoeceu gravemente, circunstância essa que o obrigou a embarcar novamente para o seu país, a fim de se restabelecer. Mas, tempestades violentas arrastaram o seu navio para a Sicília, que acabou aportando em Messina, onde convalesceu durante um certo tempo.³⁰

Pouco depois, e já era o ano de 1221, Antônio e outros tantos frades se dirigiram a Assis para tomar parte no Capítulo Geral a reunir-se naquela cidade, pela altura de Pentecostes, 23 de maio. Na verdade, foi durante aqueles meses de convalescença e aquela assembléia de Menores³¹ que ele passou a se inteirar um pouco do que era esse movimento religioso e, certamente, pode perceber que o mesmo não era tão unísono quanto lhe parecera. Também teve a ocasião de conhecer Frei Francisco e outros frades notáveis, ou por sua liderança e expansividade, ou por sua cultura ou por sua vida virtuosa. Nessa ocasião também, o Fundador apresentou aos irmãos um texto acerca de como deviam passar a viver, consoante as normas canônicas, estipuladas para todo movimento religioso ortodoxo, texto esse conhecido, mais tarde, por *Regra não bulada*³², por não ter sido aprovada pelo Papado. Os frades, porém, sugeriram que fosse modificado em vários aspectos.

Mas, terminado o referido Capítulo, os caminhos de Francisco e de Antônio se bifurcaram. Inicialmente, o *Poverello* fez uma viagem missionária pelo sul da Itália, depois, no ano seguinte, retirou-se para o eremitério de Fonte Colombo, a

fim de elaborar uma nova Regra para a Ordem, e posteriormente, submetê-la à aprovação capitular e à Sé Apostólica, posto que o texto oficiosamente em vigor, também não se enquadrava nos padrões canônicos formais exigidos para tal tipo de documento. Ao terminar essa tarefa, Francisco levou-a diretamente ao Cardeal Protetor, Hugolino dei Conti di Segni que, igualmente sugeriu-lhe fazer algumas alterações, com vista a abrandá-la.³³ Feitas as mudanças, esse texto foi submetido à apreciação do Capítulo Geral de junho de 1223. Posteriormente, as discussões técnicas do texto entre os frades e os canonistas prosseguiram em Roma. Finalmente, a Regra veio a ser aprovada por Honório III, em 29 de novembro de 1223, mediante a bula *Solet anuere*.

Por sua vez, conforme relata a *Assidua*, Antônio ficou só, nenhum ministro convidou-o a ingressar em sua província “(...) *porque era desconhecido, considerado um noviço de pouca serventia* (...)”. Por isso, compadecido, o ministro provincial da Romanha-Emília, frei Graciano Bagnacavallo pediu a frei Elias, Vigário da Ordem, para que o incluísse entre os seus frades, “(...) *com o fim de instruí-lo nos rudimentos da formação espiritual* (...)”³⁴, frase essa que, ao nosso ver, denota que o provincial desejava iniciá-lo no *modus vivendi* franciscano, sobre o qual ele não estava suficientemente a par, dada a sua recente trajetória de vida, porquanto, Antônio, ex-cônego agostiniano, já possuía uma boa experiência de vida religiosa. Frei Bagnacavallo o destinou para o eremitério de Montepaolo³⁵.

A estada do Menorita olisiponense nesse local, por quinze meses³⁶, permanece envolta em silêncio, pois nenhum de seus biógrafos se refere a o que teria feito durante esse tempo. Para além do sobredito propósito, suas tarefas se resumiam em celebrar missa para os confrades; junto com eles, prover o próprio sustento através da esmola e dos trabalhos manuais; cuidar da manutenção material da comunidade; recitar o Ofício divino, ler as Escrituras e meditar sobre a sua mensagem.³⁷ Certamente, terá tido a ocasião de refletir como podia compartilhar com outros confrades o vasto e profundo conhecimento teológico que absorvera em Portugal³⁸.

Da convivência com os confrades, Antônio aprofundou seus conhecimentos

a respeito das origens da Fraternidade fundada por Francisco e sua espiritualidade. Com efeito, desde sua conversão, num certo dia do outono de 1205, entrando na pobre e envelhecida igreja de São Damião para orar, o *Poverello* ouviu do Crucificado: “*Francisco, repara a minha igreja*”. Ele não compreendeu bem essa frase, mas ficou a pensar nela, tocando sua vida para frente. Ele via que em sua cidade e na periferia dela havia muitos miseráveis e doentes. Compadecendo-se deles, passou a dar-lhes esmolas, às escondidas do pai que era muito sovina. Um dia, este acabou descobrindo o que o filho fazia e o deserdou em praça pública. Isto ocorreu no princípio de 1206.

Em seguida, Francisco sentiu-se impelido a procurar os meios apropriados para aprofundar a verdade que sentiu ao encontrar-se com Jesus Cristo, meios esses que eram, por exemplo, a penitência, de modo que, para comprovar o seu novo *modus vivendi*, passou a vestir-se como os penitentes; o silêncio, ao isolar-se da sociedade; o jejum, ao esmolar o seu alimento de porta em porta, e muitas vezes, ao reparti-lo com os leprosos e a cuidar deles³⁹, os quais viviam em Gúbio, nas proximidades de Assis, e de outros despossuídos e marginais. A par dessas tarefas, até ao princípio de 1208, Francisco reconstruiu a capela de São Damião e reformou as igrejas de São Pedro e de Santa Maria dos anjos, a Porciúncula⁴⁰, pertencente aos beneditinos cluniacenses.

Mas no dia da festa de São Matias, 24 de fevereiro, ao ouvir a leitura do evangelho sobre a missão apostólica, Francisco entendeu o que Jesus Cristo lhe dissera. Abandonando a roupa de penitente, passou a usar a de pregador itinerante do *Evangelho*. Em 16 de abril se lhe juntaram Bernardo de Quintavalle e Pedro de Catânia. Uma semana depois, Egídio passou a fazer parte do grupo. Na primavera, empreenderam a primeira missão, na Marca de Ancona, mais tarde, durante o outono/inverno seguinte, realizam uma nova missão no vale de Rieti, e o número de amigos ia ampliando (Angelo, Rufino, Felipe Longo).

No transcurso do primeiro semestre de 1209, onze eram os companheiros de Francisco. Nesse tempo, se dirigiram a Roma para avistar-se com Inocêncio III (1198-1216), a fim de pedir-lhe que aprovasse o seu movimento. Depois de uma certa relutância, o Pontífice aprovou verbalmente a maneira de eles viverem,

inspirada no *Evangelho*, e o modo de o anunciarem. Ao regressarem à Porciúncula, estabeleceram que aí seria o ponto de encontro de todos eles, quando voltassem das missões, onde poderiam se encontrar para trocarem experiências, se alimentarem interiormente e, depois, voltarem à labuta. A faina missionária deles era simples, ocasional e itinerante, popular e moralizante, sob a forma de uma *admonitio* ou de uma *exortatio* à conversão, à mudança de vida⁴¹, posto que sabiam que esse processo é gradual e progressivo, e que, igualmente, depende da graça de Deus. Aos poucos, à medida em que o grupo de irmãos foi aumentando, entre os quais, Elias Bombarone (1211), Tomás de Celano (1213), ela se estendeu para outros lugares mais distantes da Itália.

Na verdade, Francisco e seus companheiros não eram originais ao proceder daquele modo⁴². Antes dele, não fazia muito, na Crisandade tinham surgido movimentos que desejavam que a Igreja e seus dirigentes voltassem a viver de acordo com os exemplos dados por Cristo e seus Apóstolos, pobres e simples, e pela Igreja primitiva, que não tinha propriedades, cujos membros compartilhavam entre si os bens que possuíam, conforme narram os *Atos dos Apóstolos*⁴³, porquanto o poder político e econômico da Igreja, fizeram com que o mundanismo, a ganância, a negligência pastoral, a ambição, a soberba, a prepotência e outros vícios, a par do despreparo intelectual, como bem o atestam os cânones do 4º Concílio de Latrão, (novembro de 1215), maculassem a vida de muitos clérigos, regulares e seculares, dos sacerdotes e dos dignitários eclesiásticos.

Mas, atentos à recomendação de Jesus quanto a não perder de vista os “*sinais dos tempos*”, Francisco e seus companheiros souberam compreender as necessidades espirituais e materiais de seus contemporâneos, especialmente daqueles que viviam nas vilas e cidades, passando a compartilhar de sua vida⁴⁴, a anunciar-lhes o Evangelho e a fazer-lhes o bem, face a “(...) *uma sociedade onde o dinheiro tendia a aumentar o poderio daqueles que possuíam e a desconsiderar mais ainda aqueles que dele estavam privados (...) seu procedimento foi chegar ao pobre partindo de Cristo (...)*”⁴⁵. Não pretendiam organizar uma nova congregação religiosa, queriam apenas seguir à risca o exemplo do Cristo pobre, narrado nos *Evangelhos*, desapegado dos bens e das

riquezas materiais, Deus-Homem presente na história dos homens, para resgatá-los da morte e do pecado através do anúncio da Boa Nova e de sua Paixão, Morte e Ressurreição.⁴⁶ O próprio Francisco, referindo-se à relevância do trabalho manual, como um meio de santificação, em seu *Testamento*, dá o seguinte testemunho “(...) *E eu trabalhava com as minhas mãos e quero trabalhar. E quero firmemente que todos os outros irmãos se ocupem num trabalho honesto. E os que não souberem trabalhar o aprendam, não por interesse de receber o salário do trabalho, mas por causa do bom exemplo e para afastar a ociosidade (...)*”⁴⁷.

Nos anos seguintes, o grupo de irmãos cresceu ainda mais, nele tendo ingressado muitos sacerdotes, fato esse que demonstrava que a renovação espiritual e religiosa desencadeada por Francisco estava indo plenamente de encontro às expectativas dos fiéis, clérigos e burgueses, bem como da hierarquia eclesiástica. Na assembléia ou Capítulo geral do grupo, de 1217, reunido, como de praxe, à altura de Pentecostes, para facilitar os trabalhos da pregação missionária, o *Poverello* e seus companheiros se organizaram em onze províncias⁴⁸, as quais eram lideradas por um ministro provincial. Nelas havia comunidades de frades à semelhança da de Santo Antão dos Olivais. À frente das mesmas estava um custódio ou guardião. Decidiram também, enviar missionários para além Alpes e para terras sarracenas, criando as províncias de Tunis, confiada a frei Egídio, e a da Síria, a frei Elias.

As referidas comunidades foram sendo instaladas na periferia das vilas e cidades⁴⁹, onde, em condições precárias e desumanas viviam os pobres, quase sem teto, sem trabalho, sem alimento, sem segurança, os marginais da sociedade pré-capitalista medieval, à semelhança do que acontece em nosso tempo, com os despossuídos de nossa sociedade industrializada, globalizada e capitalista, que, nas grandes cidades, habitam nas favelas, nas palafitas, sob pontes, ou simplesmente, nas ruas, ao relento. Julgamos que tal opção não foi despropositada. Era uma forma de os frades se identificarem, igualmente, com os menos importantes daquela sociedade, na pessoa de quem viam Jesus Cristo e não foi à toa que, pouco depois, passarão a ser conhecidos oficialmente por *Irmãos Menores*.

Dois anos mais tarde (1219), no Capítulo Geral de Pentecostes, celebrado em 26 de maio, os irmãos decidiram ampliar, ainda mais, seu campo missionário, tendo sido enviados frades para Alemanha, Hungria, França e Marrocos.

Todavia, o ingresso de muitos sacerdotes e homens doutos na *Fraternitas* acabou por influenciá-la. Muitos deles acreditavam que, tanto para haver um comportamento dos frades mais homogêneo, quanto mais eficácia e organização de seus trabalhos pastorais, era preciso que eles tivessem uma regra que se assemelhasse à das outras congregações religiosas.⁵⁰ A ocasião para introduzir tais mudanças surgiu em 1219, quando Francisco, Pedro Catâneo e Cesário de Espira foram missionar no Egito. Durante sua ausência, o *Poverello* incumbiu os irmãos Mateus de Narni e Gregório de Nápoles, pertencentes ao grupo dos frades doutos⁵¹, de dirigir a *Fraternidade*. Primeiramente, quebrando a praxe rotineira das assembléias capitulares às quais deviam ir todos o frades que pudessem, convocaram a comparecer ao capítulo a se reunir em Pentecostes de 1220, apenas os sacerdotes que se destacavam por sua liderança sobre os frades.

Durante o mencionado Capítulo, os frades Felipe Longo e João dalla Capella sugeriram aos presentes que adotassem para si a regra dos cistercienses, mas a proposta não foi aprovada e que passassem a ter *studia*. Informado por um frade que viajou à Síria, a respeito desses acontecimentos, ao final do verão de 1220, Francisco resolveu voltar à Itália.⁵²

De acordo com o que narra Tomás de Celano O. Min.⁵³, ao passar por Bolonha, Francisco foi informado de que o, então, ministro provincial da região, (Romanha) desde 1217, frei João (Pedro) de Starchia, doutor em Direito, havia mandado edificar uma casa para servir de moradia e *studium* para os Menores daquele lugar.⁵⁴ Triste com aquela notícia, o *Poverello* não apenas foi hospedar-se com os Dominicanos, como também ordenou que os confrades, inclusive os enfermos, imediatamente a abandonassem. Depois, só voltou a permitir que tornassem a residir nela quando o cardeal Hugolino assegurou-lhe que era o seu dono e a emprestara aos frades, dado que não tinham onde residir naquela cidade.⁵⁵

Há quem ainda hoje sustente⁵⁶ que aquele gesto de Francisco se deveu a ele achar que o estilo de vida pobre que seus companheiros deviam levar era incompatível com a atividade intelectual, porquanto essa exigia uma casa mais confortável e apropriada para abrigar uma biblioteca. Penso que aquela reação, antes, foi provocada porque os frades tinham adquirido uma habitação, o que violava abertamente um dos pilares de seu movimento, haurido nos relatos dos *Evangelhos* sobre a pobreza absoluta de Jesus e de seus Apóstolos. A reforçar nosso ponto de vista, baste lembrar que os dois colegas de missão de Francisco na Síria, Pedro Catâneo e Cesário de Espira eram respectivamente doutor em cânones por Bolonha e doutor em Teologia.

Em seguida, retomando a viagem, ao invés de ir a Assis encontrar-se com os dois vigários que estavam abusando de sua autoridade e da confiança que neles depositara, Francisco humildemente dirigiu-se a Orvieto⁵⁷ para encontrar-se com o papa Honório III e pedir-lhe que desse à *Fraternitas* um Cardeal Protetor⁵⁸, com vista a coibir os abusos que nela estavam ocorrendo⁵⁹.

Pouco depois, no Capítulo de setembro, geralmente celebrado à altura da festa de São Miguel Arcanjo, o *Poverello* renunciou ao cargo de Ministro Geral, tanto em razão das enfermidades que padecia quanto, talvez, por sentir-se incapaz de coordenar um grupo tão numeroso de irmãos. Ele indicou Pedro Catâneo como seu sucessor, o qual, ao falecer em março de 1221, foi substituído por frei Elias⁶⁰.

A par da iniciação no movimento religioso de Francisco, tal como já se encontrava organizado àquela altura, e do ministério espiritual e material em proveito dos confrades que com ele viviam em Montepaolo, cremos que durante aqueles mencionados 15 meses, Antônio dispôs de tempo e tranqüilidade para elaborar a primeira redação de seu *Opus evangeliorum* ou *Sermones Dominicales* como também é conhecido, o que de modo algum não contradiz suas palavras do *Prólogo* geral: “(...) *Coligi estas matérias e concordei entre si, segundo o que me concedeu a graça divina e consentiu a ‘frágil veia de minha ciência pequenina e pobrezinha’ (...) Fi-lo com medo e pudor porque me sentia insuficiente para tamanha e incomparável responsabilidade; venceram-me,*

porém, os pedidos e o amor dos confrades, que a tal empresa me impeliam (...)”⁶¹, pelo fato de, igualmente, também aceitarmos a informação passada pela *Assidua*, segundo a qual ele o terá composto entre 1227-29, em Pádua, quando era ministro provincial na Romanha⁶².

Por isso, ainda que o Prof. Claudio Leonardi⁶³ observe que a elaboração dos *Sermões* exigia que o Menorita olisiponense devesse ter à mão um número considerável de todos os tipos de textos para deles retirar as citações de que viesse a precisar, consideramos que sua assertiva é verdadeira no tocante à redação derradeira, mas necessariamente não se aplica às versões iniciais. Para mais, a própria *Assidua* e Gregório IX (1227-41) atestam que ele tinha uma memória privilegiada, a qual deve ter sido aprimorada durante sua estada na canônica de Sta. Cruz de Coimbra, primeiro na condição de estudante e, depois, de sacerdote, ao pregar para os paroquianos da igreja de São João, anexa à mesma.

Algum tempo depois, narra o autor da *Assidua* que, Antônio foi indicado por seu superior para pregar durante as ordenações sacerdotais a ocorrer em Forli, nas têmporas de Setembro de 1222⁶⁴, tarefa essa que ele aceitou com muita relutância, por se julgar incapaz de fazê-la. O hagiógrafo ainda salienta que aí estavam presentes frades Pregadores⁶⁵, e que se a pregação não resultasse conforme as expectativas dos presentes e de acordo com a importante solenidade, o fato seria relevado, porque o pregador era um confrade que desempenhava afazeres bem simples e que possuía apenas conhecimentos rudimentares acerca das Escrituras⁶⁶.

Na verdade, posto que a finalidade das obras de cunho hagiográfico consiste em ressaltar as qualidades morais e cristãs do santo a que se refere, como se fora um modelo para os fiéis, acreditamos que o autor da *Assidua*, com certeza, pretendia antes salientar as virtudes da humildade, simplicidade e obediência de Antônio bem como seus dotes oratórios, até aquele momento, não revelados, e não relatar precisamente como se passaram tais acontecimentos. De fato, seria muita ingenuidade de nossa parte, imaginar que os superiores do Menorita lusitano ignorassem o que ele estava fazendo em Montepaolo e tivessem considerado

que seus escritos careciam de algum valor. Tanto foi assim que, pouco depois, eles o indicaram para frei Elias, o Vigário da Ordem, como alguém apto e capaz de assumir a tarefa de pregador em toda a província da Romanha⁶⁷, e em seguida, igualmente, de novo, com a aprovação de frei Elias, ele foi nomeado para desempenhar o cargo de *lector do studium* da Ordem em Bolonha que havia sido reaberto⁶⁸. Considere-se, ainda, o fato de essa nova tarefa ter sido apoiada por frei Francisco que lhe escreveu uma cartinha, em que, chamando-o de *episcopo meo*⁶⁹, estimula-o a ensinar teologia para os *fratres*, desde que essa atividade não viesse a extinguir o espírito da oração e da devoção entre os frades, conforme está estipulado na *Regra Bulada*.⁷⁰

Para mais, julgamos que tais palavras incisivas da *Regra*, se referiam antes, à acurada e requerida preparação teológica dos religiosos, possível somente através do estudo, a qual devia ser verificada pelos superiores, do que à ortodoxia dos frades⁷¹, posto que essa exigência não só ia de encontro às diretrizes normativas do 4º Concílio de Latrão, cujas metas principais podem ser resumidas nas seguintes: a) a reforma dos costumes do clero em geral e dos vários segmentos da sociedade; b) a ênfase quanto à formação intelectual, moral e religiosa dos sacerdotes; c) a revitalização da vida espiritual, religiosa e moral de todos os fiéis através da catequese e da pregação; mas também, porque tendo os Menores se colocado inteiramente ao serviço e à disposição da Igreja e passado a atuar como auxiliares do clero secular, constaram que os hereges cátaros, na *Ocitània* e no Vêneto, atraíam muita gente para as suas comunidades, tanto por causa da sua pregação evangélica quanto por seu testemunho quanto ao desapego dos bens materiais⁷².

Outrossim, julgamos que, àquela altura, Francisco já tinha se convencido da necessidade e da relevância no tocante à preparação teológica e intelectual dos *fratres*⁷³, para bem anunciar a *Boa Nova* aos fiéis, visando a sua *conversio*, pois, de um lado, tal era, desde o começo do movimento, a vocação deles, consoante estipulava a *Regra não bulada* de 1221, capítulo XVII⁷⁴, e de outro, não nos esqueçamos de que essa também era a posição defendida por um número bastante expressivo de clérigos cultos que haviam se tornado Menores, estimulados que eram, por frei Elias⁷⁵.

A permanência de Antônio no *studium* de Bolonha foi rápida⁷⁶, porque logo depois foi enviado à *Ocitània* como missionário pregador, com o fito de converter os cátaros ou albigenses em seu próprio reduto.⁷⁷ Pouco mais tarde, durante o capítulo provincial de 1225, ocorrido em 29 de setembro, Antônio foi nomeado guardião do convento de Puy-en-Velay. Passados alguns meses, foi convidado pelo arcebispo de Bourges, Simão de Sully a fazer um sermão para os prelados francos, reunidos em sínodo. Sem temor nem constrangimento, o Menorita lusitano o apostrofou duramente, por causa de sua conduta pouco condizente com a missão de pastor que desempenhava.⁷⁸ Em seguida, foi designado custódio do convento de Limoges, mas a sua estada nessa região, também não foi longa, porque, durante o Capítulo Geral de Pentecostes, ocorrido em 6 de junho de 1227, ele foi eleito ministro provincial da Romanha-Emília, a mais importante de todas⁷⁹. Para além de a mesma ser bastante extensa, e ter de ser percorrida a pé, conforme determinava a *Regra*, as responsabilidades do ministro eram muitas, a começar pela sua administração. A visita aos conventos visava tanto a corrigir os desvios cometidos por certos frades, quanto estimulá-los a perseverar fielmente na vocação que tinham abraçado. Ainda, competia-lhe fundar novas casas, se assim o exigissem as circunstâncias, e tentar superar todos os empecilhos que prejudicavam os trabalhos pastorais dos religiosos, conforme as diretrizes dos bispos diocesanos, em benefício dos fiéis⁸⁰. Foi isso que Antônio fez durante aquele triênio, além de ter conseguido tempo para concluir e revisar seu *Opus Evanagliorum*.

É aí e nos *Sermones Festivi*, obra parcialmente concluída porque o Menorita olisiponense morreu antes de a terminar, que encontramos os traços mais marcantes da espiritualidade antoniana que, não podemos estritamente classificar como franciscana pois, como vimos, Antônio ingressou naquele movimento religioso, quando o mesmo já tinha se transformado, de fato e de direito, numa nova Congregação, a Ordem dos Menores que, embora, continuasse a conservar muitas de suas características primitivas, aos poucos ia ganhando uma feição própria.

Com efeito, do *Prólogo* geral aos *Sermões* e deles todos retiramos o primeiro traço da espiritualidade antoniana, pois ele próprio afirma que a cada domingo,

irá explicar e comentar, par e passo, a passagem evangélica lida na missa, bem como os trechos das epístolas e dos intróitos e articulá-los entre si e com as histórias do Antigo Testamento, constantes das leituras do Ofício divino ou das Horas⁸¹, traço esse que classificamos como bíblico-litúrgico. A segunda característica espiritual que se depreende da obra antoniana é a catequética e latrêutica, em que, de um lado, ele ensina as verdades da fé relacionadas com os Mistérios da Salvação efetuada por Jesus Cristo, Deus-homem, Redentor e Libertador dos seres humanos do pecado, do castigo eterno e das garras do Maligno; e de outro, estimula os clérigos e leigos às orações de louvor, de súplica de perdão pelos pecados cometidos, de ação de graças pelos dons espirituais e benefícios materiais recebidos e de petição de novas graças materiais e espirituais dirigidas precipuamente à Trindade e, num segundo plano, à Maria, medianeira da salvação. Ainda, quanto à doutrinação pastoral, Antônio enfatiza a prática dos Mandamentos, em particular, o da caridade fraterna; das virtudes, tais como, a humildade, o desapego dos bens materiais, da mansidão, da moderação no comer e no beber e das Obras de misericórdia, em benefício do próximo. O terceiro traço marcante é a prática sacramental. Antônio insiste veementemente que todos os cristãos procurem receber os Sacramentos, de modo especial, os da Eucaristia e da Penitência, considerados como as principais graças divinas para a conversão e a santificação pessoal e comunitária, com o propósito imediato de construir o reino de Deus na terra e nela implantar a sua Justiça, isto é, para que todos os homens vivam em paz e num mundo melhor.

Por isso, à guisa de síntese destas nossas reflexões, a fim de que imprudentemente não se pense que Antônio tenha sido um dos primeiros líderes menoritas a desviar de rumo o movimento de Francisco, de um lado, reiteramos que ele em tudo o que fez conservou fielmente o espírito de santa '*oração e devoção*' que o *Poverello* lhe pediu que mantivesse e estimulasse entre os frades, enquanto professor, ao prepará-los para o *ministerium* da pregação, e de outro, tenhamos presente que, respeitados os traços psicológicos singulares e os carismas que individualmente haviam recebido do Alto, a afinidade, a união e a reciprocidade espirituais entre ambos, ou melhor dito, entre o franciscanismo primitivo e o menoritismo, ocorreu justamente na atividade missionária itinerante a serviço do próximo, mediante o anúncio do *Evangelho*, com ênfase especial à

catequese sobre Jesus Cristo, Filho de Deus Pai e Redentor, feito homem pobre e humilde, e à *conversio*, à mudança de vida, dos hereges, dos fiéis, clérigos e leigos, com o propósito de todos construírem uma *Cidade Terrestre* melhor, transitória, mas importante, dado que a meta derradeira é alcançar a Pátria, cada um deles, porém, também procedeu conforme a percepção que tinha tanto da *Societas Christiana*, quanto da própria *Ecclēsia*, e das transformações que nela estavam ocorrendo, e o que os seus membros e seus dirigentes esperavam da ordem religiosa a que pertenciam⁸².

NOTAS

¹* Este texto foi apresentado na Universidade de Brasília, em 23 de outubro de 2001, na IV Semana de Estudos Medievais, intitulada *Milenarismos e Espiritualidade*, promovida pelo Programa Interinstitucional de Estudos Medievais (PEM), UnB/UFG, entre 22-26 de outubro de 2001.

** Professor Titular aposentado da Universidade Federal de Goiás- Goiânia, Brasil; doutor em História (USP, 1980) e em Filosofia Medieval (Universidade Nova de Lisboa, 2001).

¹ Henrique P. REMA OFM, “O problema da data do nascimento de Santo António”, *Itinerarium* 154 (1996), p. 90: “(...) *Sousa Costa e Gama Caeiro, em face dos resultados dos exames médico-antropológicos do corpo do Santo, inclinam-se para as teses pioneiras da revisão da cronologia antoniana, defendidas sobretudo pelos historiadores G. Abbate e F. Felix Lopes, desde a década de 1940, depois do alerta dado em 1931 por André Callebaut. Parece-nos mais verossímil a posição de Sousa Costa, encurtando, porém, a duração da crise da adolescência para dois ou o máximo três anos, o que dará seu nascimento em 1192/1193, ou seja, em números redondos terá falecido entre os 38 e 40 anos, aliás dentro da margem de erro dos citados exames científicos aos restos mortais do Santo (...)*”.

² Maria Cândida M. PACHECO, “Santo António no seu tempo”, in *Santo António de Lisboa. Da Ciência da Escritura ao Livro da Natureza*, Lisboa, IN-CM, 1997, p. 21: “(...) *Deve salientar-se, ainda, a importância do ensino da Regra nos mosteiros dos Cónegos Regrantes e o seu significado modelador duma espiritualidade que tão profundamente marcará Fernando Martins. Assente na exigência máxima de comunhão de bens, a Regra agostiniana singulariza, como virtudes fundamentais, a obediência, a humildade e a caridade (...)*”.

³ Dom António Montes MOREIRA OFM, “Origens portuguesas da cultura de Santo António”,

pág. 96: “(...) Aprofundou também a cultura bíblica, patrística e religiosa em geral, bem como a formação humanística, e possivelmente começou a interessar-se por medicina e ciências naturais, matérias em que os seus Sermões revelam conhecimentos apreciáveis (...)”.

⁴ Francisco da GAMA CAEIRO, *Santo António de Lisboa*, 2ª ed., vol. I, Lisboa, IN-CM, 1995, p. 32-34: “(...) O extenso rol de códices (...) revela que a comunidade dispunha, já antes dos meados do século XIII, dos textos fundamentais exigidos pela própria orgânica canónica, como o *liber capituli*, a *Sagrada Escritura*, *homiliários*, *leccionários* e o *Saltério* (...) Por eles teria Santo António lido, estudado e meditado. Lá havia obras basilares da literatura monástica e patrística, como as célebres *Vitae Patrum*, os *escritos morais* de São Gregório, ou sejam o *Liber Regulae Pastoralis*, os *Moralia* ou *Expositio in librum Job* e o *Liber Dialogorum*; uma das obras do abade Odilão de Cluny, *Liber Odonis abbatis*; outras de Sto. Isidoro, de Santo Agostinho e do discípulo deste, São Próspero; o *De Claustro animae*, de Hugo de São Vitor; o *De conflictu vitiorum et virtutum*, do Pseudo Agostinho, e finalmente, um Ovídio, além de tratados clássicos de ensino como a gramática abreviadamente referida por Priscianus e o *Vocabularium enciclopédico* do gramático italiano, ali mencionado por Papias (...) As glosas escriturísticas, e especialmente os comentários às *Epístolas* de São Paulo, por onde, até meados do século XIII, se ensinava a teologia, e o *Saltério*, ocupam lugar de relevo nesta biblioteca (...) É igualmente impressionante a abundância de obras de natureza jurídica (...)”. Cfr. também, do mesmo estudioso, “Fontes portuguesas da formação cultural do Santo”, *Itinerarium* 110-111 (1982): 16-23. Igualmente, o estudo de Aires Augusto do NASCIMENTO, “Livros e claustros no século XIII em Portugal: o inventário da livreria de S. Vicente de Fora em Lisboa”, *Didaskalia* 15 (1985): 229-242.

⁵ Maria Cândida M. PACHECO, in “Santo António no seu tempo”, *op. cit.*, p. 22: “(...) A história da canónica, feita exaustivamente por António Cruz, projecta as relações estabelecidas com o Mosteiro de S. Rufo de Avinhão, a Abadia de S. Vitor de Paris, os Mosteiros de Cister. Da adopção dos costumes de S. Rufo, da vinda de manuscritos aí copiados, da exigente preparação dos seus mestres, que teriam frequentado escolas parisienses e aí obtido a *licentia docendi* (...)”. A propósito, cf. António CRUZ, *Santa Cruz de Coimbra na Cultura Portuguesa da Idade Média – Observações sobre o ‘Scriptorium’ e os Estudos Claustrais*, Porto, 1964.

⁶ Martí ÀVILA, “Alguns aspectos de la vida de Sant Antoni de Pàdua”, *Recerca*, 8 (1995), pág. 11: “(...) Era l’ any 1210. Transcorreguts dos anys demana ser traslladat al monestir de la Santa Creu a Coimbra dels mateixos canonges regulars. El motiu, segons les cròniques antonianes, és la proximitat de la pròpia família i dels amics que sovint el molestaven amb les seves impertinències (...)”. Cfr. também, A.G. PILONETTO O.F.M. Cap., “Santo António de Pádua e Lisboa Aspectos biográficos”, *Cadernos da ESTEF*, 14 (1995), pág. 8: [Sta. Cruz] “(...) menos acessível aos familiares e conhecidos. Pois as visitas se multiplicavam de forma importuna e os amigos, inconformados com a decisão do companheiro de fechar-se num

mosteiro, faziam tudo para reavê-lo (...)”.

⁷ Maria Helena da C. COELHO, “Santo António de Lisboa em Santa Cruz de Coimbra”, in *Actas, Congresso Internacional Pensamento e Testemunho*, vol. I, pág. 187: “(...) *vinhas e olivais em Vila Franca, Lages, Assamassa e Vale Figueira ou almuinhas em Coselhas. Mas o seu domínio alargava-se pelos concelhos de Montemor, Figueira da Foz, Mira, Cantanhede, Mealhada, Anadia, Condeixa e Ansião, ou para bem mais longe até à Beira Interior, com herdades espalhadas pelos concelhos de Tábua, Oliveira do Hospital, Seia ou Viseu, entre muitos outros (...)*”.

⁸ Dom António M. MOREIRA OFM, *op. cit.*, *Itinerarium* 154 (1996): 94-95.

⁹ Maria Helena da Cruz COELHO, *op. cit.*, p. 193: “(...) *Mas pelo conhecimento dos códices que até nós chegaram da livraria de Santa Cruz poderiam ter estado à disposição de Fernando Martins, de entre os textos patrísticos e escolásticos, o Homiliário e os Sermões de santo Agostinho, a História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia, o Tractatus de Psalmo de Santo Ambrósio, a Expositio in librum Job sive Moralium de S. Gregório Magno, os Sermões de S. Bernardo e ainda obras de João Cassiano,, de Hugo de Folieto, de Hugo de São Vitor, de Flávio Josefo, de Rábano Mauro, de Pedro Comestor, de Papias, de Esmaragdo, entre outros (...)*”. Os códices aos quais alude a renomada medievalista portuguesa, são anteriores a 1220, e encontram-se na Biblioteca Municipal do Porto. Cfr. também Francisco da GAMA CAEIRO, *Santo António de Lisboa*, vol. I, p. 92-96. Desde a p. 83, estribado na cuidadosa pesquisa de arquivos e documental, que havia feito em função de sua tese de doutoramento (1967), mais tarde, transformada no mencionado livro, reporta-se ao conteúdo do acervo, àquela época existente, na biblioteca de Sta. Cruz.

¹⁰ Henrique P. REMA OFM, “A Cultura portuguesa de duzentos na obra do Doutor Evangélico”, *Il Santo* 39 (1999), p. 86: “(...) *Em 1218 (...) o presbítero chanceler João, por ordem do prior Dom João Diogo Dias entrega a mestre Gil 13 [da sé de Coimbra] livros de Física, retórica, ciências naturais, medicina, astrologia e geometria. Um deles, De naturis, é de Santo Isidoro (...) outro é de Alcabitus e trata De Astronomia, outros mais: Liber circuli celestis spere; Libri Fisicales; duo Libri de Geometria; duo Libri de Retorica, de Marco Túlio Cícero; Liber Computi, de Helpericus, Institutiones grammaticae de Prisciano, o Mapa Mundi, tirado dos livros de Isidoro (...)*”.

¹¹ Maria Helena da C. COELHO, *op. cit.*, p. 189-190: “(...) *A influência de Santa. Cruz, como também da Sé de Coimbra, a partir de Mestre Alberto, chanceler régio de 1142 a 1169, que sucedeu a Pedro Roxo, arquiúdiácono de Braga (1128-1140) e a Elias (1141), torna-se decisiva na chancelaria régia, tanto nos seus notários, como nas técnicas notarias, que se decalcarão*

já não das peninsulares mas das pontifícias (...) Com Mestre Alberto e os subseqüentes notários próximos do mosteiro de Santa Cruz, impõe-se como sinal de validação, nas cartas régias, um sinal em forma de círculo, à imitação da rota das grandes bulas pontifícias (...)”.

¹² A tradução é nossa. C. IV: “(...) *Com extraordinária diligência cultivava sem cessar a formação de seu espírito e pela meditação aprofundava-se nas verdades aprendidas. Dia e noite, sem descansar, dedicava-se à leitura da Sagrada Escritura, conforme, o tempo permitia-lhe. Para fortificar-se na fé acrescentava à explicação textual uma outra alegórica e, traduzindo ambas para a vida prática, inflamava também o coração com o santo amor. Profundas e felizes especulações da palavra de Deus, perseverantes e diligentes estudos dos Santos Padres, eram sua ocupação predileta. E tudo que aprendia, ficava-lhe, indelevelmente, retido na memória, de modo que, ao precisar delas, para espanto de todos, logo, acudiam-lhe à lembrança as citações apropriadas da Escritura, a ponto de, em pouco tempo, ter obtido um admirável conhecimento teológico (...)*”. Cfr. também V. GAMBOSO, P. MARANGON, S. BORTOLAMI, A. RIGON “S. Antonio 1231-1981 Il suo tempo, il suo culto e la sua città”, Padova, 1981, V. GAMBOSO, “Profilo Biografico”, p. 14: “(...) *Fu nel decennio di vita agostiniana che Fernando, precoce e acuto d’intelligenza, assiduo nell’applicazione, dotato di memoria tenace e incline alla riflessione, riuscì a formarsi una forte cultura teologica, baseata sulla frequentazione della Bibbia e sullo studio dei padri della Chiesa (...)*”.

¹³ Op. cit., pág. 98.

¹⁴ *Santo António de Lisboa, Doutor Evangélico, Sermões Dominicais e Festivos*, ed. bilingue - latim e português, introdução e notas por H. Pinto REMA OFM, vols. I-II, ed. Lello, Porto, 1987.

¹⁵ Cfr. *Santo António de Lisboa*, vol. I, 2ª ed. IN-CM, p. 96: “(...) *As fontes literárias e doutrinas patentes na obra antoniana – Agostinho, Gregório, Jerónimo, Isidoro, Pedro Comestor, Flávio Josefo, o Filósofo (Sêneca, Aristóteles...), o Poeta (Virgílio) -, e bem assim as principais concepções do Santo, encontram apoio textual e justificação suficiente em obras que, ao tempo, os cónegos regrantes de Coimbra já possuíam (...)* Não há imprudência em afirmar que a cultura do Santo saiu de Santa Cruz redondamente formada e perfeitamente alicerçada. O que depois lhe foi acrescentado são retoques complementares de uma estrutura já estabelecida, embora suficientemente maleável para surpreender o que ainda houvesse de grande e de alto na evolução das ideias ou na satisfação de ardências espirituais (...)”.

¹⁶ In “A Cultura portuguesa de duzentos na obra do Doutor Evangélico”, *Il Santo* 39 (1999): 86: “(...) *O confronto dos autores e obras citados explícita ou implicitamente na sua obra Sermones Dominicales (que ele próprio denomina Opus Evangeliorum) e Sermones Festivi com o que*

nos revelam os inventários bibliográficos portugueses de Sta. Cruz e de São Vicente garantem que a ciência teológica, filosófica, literária e profana foi em grande medida absorvida em Portugal. Os autores não são portugueses, mas suas obras encontravam-se em Portugal à disposição de alunos (...). Referindo-se, ainda, a outros textos aí existentes o estudioso português acrescenta à p. 93: “(...) relevamos o dicionário enciclopédico do italiano Pápias, que o escreveu entre 1040 e 1050, uma obra do poeta Ovídio, a gramática latina de Prisciano, os livros das Sentenças, dos Sinónimos e das Etimologias de santo Isidoro de Sevilha; as Antiguidades Judaicas de Flávio Josefo, a História Eclesiástica de Pedro Comestor, o De bestiis et aliis rebus, do Pseudo-Hugo de São Vitor (Hugo de Folieto ?), e outros (...)”.

¹⁷ Maria Helena da C. COELHO, *op. cit.*, p. 197: “(...) como nos dão conta as sucessivas bulas emitidas por Inocêncio III sobre o assunto, tendo por certo, no seu tempo, ocorrido a devassa a cargo do prior de Grijó, deão de Évora e mestre-escola de Orense (...)”.

¹⁸ Cfr. Francis RAPP, “A resposta de Santo António às expectativas do seu tempo”, *Itinerarium* 154 (1996): 17. Bem a propósito, indaga e responde João Simões RAPOSO, in “S. António, Apóstolo e Defensor dos Humildes” *Itinerarium* 110-111 (1981): 324: “(...) Tê-lo-ia desiludido a figura escandalosa e corrupta do Prior João César, várias vezes excomungado ? É possível (...)”.

¹⁹ Cfr. Francisco da G. CAEIRO, “A Ordenação Sacerdotal de Santo António”, republicada em *Santo António de Lisboa*, vol. II, IN-CM, 2ª edição, 1995, p. 251-263. Cfr. também António Domingues de SOUSA COSTA OFM, “O Autor da ‘Vita Prima’ de S. António e seus informadores portugueses. Revisão crítica das opiniões sobre a idade do Santo”, *Atas do Colóquio Antoniano*, Lisboa, ed. Câmara Municipal, 1982, p. 39: “(...) Segundo várias decretais de Alexandre III, era lícito conferir benefícios com cura de almas a clérigos com 24 anos completos, os quais estavam, contudo, obrigados a receber, dentro de pouco tempo o sacerdócio (...) acresce que ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra andavam anexas várias igrejas paroquiais, regidas pastoralmente por cônegos regrantes (...)”.

²⁰ Cf. Henrique P. REMA OFM, “Resposta de Santo António à vocação franciscana”, *Itinerarium* 154 (1996): 123.

²¹ J. MATTOSO, “O Tempo de Santo António”, in *Em louvor de Santo António de Lisboa*, Lisboa, Ed. da Igreja – Casa de Santo António, 1998, p. 101: “(...) Ao praticarem a pobreza e a renúncia a todos os privilégios e a todo poder, não podiam deixar de impressionar vivamente todos aqueles que estavam habituados a sujeitar-se a um clero que fazia da acumulação dos bens e da superioridade espiritual e temporal os sinais da sua proximidade com a onnipotência divina e da sacralidade das suas funções. Além disso (...) espantavam o povo de toda a

região por defenderem uma forma inteiramente nova de conceberem a relação dos cristãos com os inimigos da fé. Em vez de pregarem a cruzada e, por isso, de exortarem ao extermínio total dos muçulmanos, propunham a sua conversão pela palavra e pelo exemplo (...)”.

²² Francis RAPP, *op. cit.*, p. 17: (...) *Diz-se que Fernando no desempenho das funções de hospedeiro, via-os frequentemente, pois viviam de esmolas (...)*”.

²³ J. MOORMAN, *A History of the Franciscan Order from its Origins to the Year 1517*, Oxford, Clarendon Press, 1968, p. “(...) *After some months of persecution they were finally martyred on 16 January 1220 (...)*”..

²⁴ Eram eles Beraldo, Pedro, Acúrsio, Adjuto e Otão. Henrique P. REMA OFM, “Resposta de Santo Antônio à vocação franciscana”, *Itinerarium* 154 (1996), p. 123: “(...) *Ao que parece, estes protomártires da Ordem Franciscana estiveram em Coimbra antes de se passarem a Marrocos. É que neste território (...) existia uma colônia portuguesa de alguma importância dirigida pelo Infante D. Pedro, filho do segundo rei de Portugal D. Sancho I (...). Acompanhava-o, como seu capelão, o cónego (...) de Santa Cruz (...) João Roberto. A rainha D. Urraca Ter-lhes-á dado meios de subsistência para viagem até Marrocos e cartas de recomendação para o cunhado (...)*”.

²⁵ José MATTOSO, *art. cit.*, p. 101-102: “(...) *A chegada a Coimbra dos corpos martirizados dos franciscanos que em Marrocos tinham pago com a vida a ousadia de tentarem pregar a fé cristã em pleno território maometano foi o último acontecimento que levou Fernando Martins a mudar radicalmente a sua vida. A profissão canonical em Santa Cruz (...) parecia-lhe uma forma demasiado passiva de colaborar na edificação do reino de Deus (...) Era preciso imitar a Cristo pobre e tomar a simplicidade da sua Palavra para fazer dela o anúncio de Boa Nova. Tal devia ser a sua forma pessoal de colaborar na instauração de uma nova Cristandade, que esperava fosse no futuro menos dramaticamente dividida por anústias e contradições do que as que vivera nos anos anteriores (...)*”.

²⁶ Cfr. *Assidua*, c. 5. Dom Boaventura KLOPPENBURG OFM, “Santo Antonio, Doctor Evangelicus” *REB*, 6 (1946), p. 250: “(...) *talvez não tanto por causa da atração do ideal franciscano, quanto por causa da esperança duma oportunidade de martírio. Seja, porém, como for, tudo isso foi providencial, e Antônio jamais se terá arrependido, mas terá procurado e, em grande parte, conseguido a adaptação a este ideal (...) E certamente foi também vantajoso(...)ter estudado antes em Coimbra (...)*”.

²⁷ Henrique P. REMA OFM, “Resposta de Santo Antônio à vocação franciscana”, *Itinerarium* 154 (1996), p. 124: “(...) *Na época era mais fácil fazer um frade do que hoje. Só pela bula*

Cum secundum consilium sapientis, dada em Viterbo a 22 de setembro de 1220, se tornou obrigatório o noviciado. A tomada de hábito correspondia à profissão (...)”.

²⁸ V. GAMBOSO OFM Conv., op. cit., p. 293.

²⁹ *Assidua*, c. 6 (a tradução é nossa) “(...) *Obtida licença, logo partiu para a terra dos Sarracenos. Mas o Altíssimo, que conhece os corações dos homens, opôs-se aos seus projetos e ferindo-o com grave doença, mortificou-o durante todo o inverno. Depois de verificar que nada podia cumprir de quanto se propusera, viu-se obrigado a regressar ao solo pátrio para ao menos recuperar a saúde corporal. Quando, porém, o navio se dispunha a aportar na Hispânia, o ímpeto dos ventos arremessou-o para as partes da Sicília (...)*”.

³⁰ Cf. G. ODOARDI OFM Conv. “S. Antonio e frate Elia un ricordo nelle ricorrenti commemorazione antoniane”, *Miscellanea Francescana* 96 (1996): 269:“(...) *Giunge invece sulle coste spagnole e poi su quelle siciliane, di Milazzo, a nord, di Taormina ad est, secondo tardive tradizioni, ma sempre nell’ambito dell’attuale Provincia di Messina, città e relativo convento francescano dove Antonio certamente soggiornò (...)*”.

³¹ F. RAPP, op. cit., p. 19: “(...) *Os irmãos que aí encontrou levaram-no ao Capítulo Geral, que no ano de 1221 seria duma importância decisiva (...)* As tensões já se manifestavam opondo ‘simples’ e ‘letrados’. Antônio, perdido numa multidão dumas três mil pessoas, foi testemunha silenciosa, solitário no meio de apaixonados debates (...)”. Cfr. também L. BERTAZZO OFM Conv. op.cit., p. 17: “(...) *Em Assis a sua presença está quase que completamente escondida, no Capítulo das Esteiras de 1221- momento fundamental da história do franciscanismo, que assinalou a passagem de ‘movimento’ para ‘Ordem’(...) com o seu projeto apostólico concretizado na organização das primeiras correntes missionárias, cuja narração foi-nos vivamente transmitida por Giordano de Giano (...)*”; e ainda, Idem, “La testimonianza di sant’Antonio e il nostro tempo”, *Actas, Congresso Internacional Pensamento e Testemunho*, ed. cit., p. 215: “(...) *Giordano da Giano ci ha lasciato la vivida cronaca della storia delle correnti missionarie del primo francescanesimo, e specificamente di quella diretta verso i Paesi nordici a cui lui stesso partecipò. Ma non diversa, per quanto non cronachizzata, dovette essere la corrente apostolico-missionaria che si andava organizzando verso la Padania e la Francia (...)* Dire Provincia Romandiola, significava dire Bologna dove i primi fratri erano presenti dal 1211 (...)”.

³² Segundo o cronista Jordão de Jano O. Min., foi o amigo Cesário de Spira O. Min. quem inseriu nessa *Regra* os passos das *Escrituras* apropriados para fundamentá-la.

³³ N. FALBEL, *Os Espirituais Franciscanos*, São Paulo, EDUSP/Perspectiva, 1995, p. 25-27:

“(…) No outono de 1222, acompanhado de frei Leão, seu íntimo amigo e secretário, juntamente com outro frade, Bonifácio de Bolonha, (...) se recolheu ao eremitério de Fonte Colombo, no vale de Rieti, em busca de paz, para elaborar uma nova Regra. Ao ficar pronta,(...) parte dos frades achou-a muito rígida, e, por fim, quer deliberadamente ou não, essa Regra acabou sendo perdida, ou talvez destruída pelo próprio Elias. Mais uma vez Francisco voltou ao eremitério para elaborar a Regra; porém desta vez levou-a diretamente ao cardeal Ugolino, que provavelmente fê-lo modificar algumas partes (...)”.

³⁴ Ed. cit., c. 7, p. 31.

³⁵ Teodosio LOMBARDIOFM, “Sant’ Antonio di Padova Maestro di Teologia a Bologna. Il problema degli Studi Agli Inizi dell’Ordine Francescano”, *Atti del Congresso Internazionale di Studio sui Sermones di S. Antonio di Padova*, a cura de Antonino Poppi, Pádua, Ed. Messaggero, 1982, p. 810.

³⁶ Henrique P. REMA OFM, “Resposta de Santo Antônio à vocação franciscana”, *Itinerarium* 154 (1996), p. 128: “(...) de Junho de 1221 a 24 de Setembro de 1222(...) O retiro de Monte Paulo completou a experiência de frade menor de Antônio. Por ínvias sendas, o Senhor mostra (...) o que pretende dele (...)”. Cfr. também Patrício GRANDON OFM “Santo Antônio de Pádua: espiritualidade e pensamento” in *Antônio, homem evangélico na América Latina*, ed. cit., p. 36: “(...) Todos os acontecimentos que lhe sucedem (...) vão-lhe ajudando a descobrir o projeto de vida ‘segundo a forma do Santo Evangelho’, que é a proposta central do movimento franciscano. Outra oportunidade foi ainda concedida a Antônio para aprofundar, na prática, o espírito franciscano: o tempo que ficou em Montepaolo, para onde foi enviado (...)”.

³⁷ A. G. PILONETTO OFM Cap., op. cit. p. 10: “(...) para o eremitério de Montepaolo, perto de Forlì, onde passou 15 meses na solidão contemplativa e no trabalho braçal: levando panelas, fazendo limpeza, cultivando a terra. Quando podia refugiava-se numa caverna da montanha para mergulhar mais profundamente na contemplação. Com ele viviam outros cinco irmãos. Foi nesse eremitério que ele fez seu ‘noviciado’ de inculturação franciscana e pôde refletir e reavaliar, diante de Deus, os acontecimentos que vinham se precipitando em sua vida (...)”. Cfr. também Martí ÀVILA, art. cit., p. 13: “(...) És enviat a l’eremitori de Monte Paolo, a prop de Forlì. És important esmentar aquesta etapa d’ Antoni; una etapa realment profitosa. Antoni aquí trobà la serenor, la pau, la pregonesa del silenci, de la mateixa vida, sobretot després d’haver-se sentit un fracassat, un derrotat. Finalment ha pogut reconciliar-se amb si mateix; ha descobert què significa ser frare menor (...)”.

³⁸ Cherubino da LONIGO OFM, “Dio in sè e nelle sue opere secondo S. Antonio”, *S. Antonio*

Dottore della Chiesa, Atti delle due settimane antoniane teneute a Roma e a Padova nel 1946, Vaticano, Poliglota Vaticana, 1947: 339-340: “(...) *La solitudine di Montepaolo (...) gli servì di ambiente quanto mai propizio per un raccoglimento spirituale intensissimo. Là egli, ripensando quanto aveva studiato, penetrava sempre maggiormente quanto aveva assimilato come discepolo e si preparava a discendere, per presentarsi come Maestro (...) Così Antonio lo domandava alle selve, ai prati, all’acqua, al vento, alle stelle, a tutta la natura sulla quale e nella quale vedeva mirabilmente le vestigia del Creatore e leggeva l’opera continua della sua Provvidenza (...)*”.

³⁹ Cf. Marcel MOLLAT, *Os Pobres na Idade Média*, c. VII *Um Novo Olhar sobre os Pobres*, trad. de Heloisa Jahn, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1989, p. 117: “(...) *o episódio mais significativo e, por essa razão, um dos mais célebres da vida de Francisco é o do beijo no leproso: foi preciso que ele dominasse uma tremenda repugnância. Aí está a novidade: a estima ao pobre e aflito por seu valor espiritual e humano próprio, e não mais na qualidade de instrumento, ainda servil, da salvação do rico (...)*”. Cf. também Benjamin TAPIA OFM., “O evangelismo de Santo Antônio de Pádua como expressão da espiritualidade franciscana e popular, in *Antônio, homem evangélico na América Latina*, ed. cit., p. 86: “(...) *O gesto de amor que foi o ‘beijo no leproso’ (...) significa enfrentar os desafios da marginalização, a violência, o poder abusivo, da reprovação pública, do orgulho do saber, da classe poderosa (...)*”.

⁴⁰ Orlando BERNARDI OFM, “O Franciscanismo de Sto. Antônio”, *Cadernos do IFAN*, 18 (1997), Universidade São Francisco (USF), Bragança Paulista, 1997, p. 47: “(...) *O ponto de partida da experiência cristã de Francisco encontra suas raízes num processo de reconciliação consigo mesmo e com a realidade circunstante (...) o centro focal dessa reconciliação está em Cristo, experimentado no crucifixo que lhe fala, no beijo do leproso que encontra, na reconstrução da igreja de S. Damião que está em ruínas, na decisão firme de compartilhar sua vida com os leprosos (...) Em seu Testamento afirma que, ao beijar o leproso, o que antes lhe parecia ‘amargo’, a seguir tudo lhe pareceu muito ‘doce’ para a alma e para o corpo (Test. 3) (...)*”.

⁴¹ O. BERNARDI OFM, *op. cit.*, p. 64-65: “(...) *a penitência não se esgota numa pregação de tipo moral ou sacramental, mas em seu anúncio o ouvinte é envolvido enquanto se decide por uma transformação pessoal (...) Nessa perspectiva o uso da Palavra de Deus, na pregação, brota espontaneamente, porque existe o envolvimento pessoal. Do mesmo modo importante é a presença de Deus percebida como apelo o chamamento que se realiza através das palavras do pregador (...)*”.

⁴² Tal foi o caso de Estêvão de Muret, aglutinador de um dos movimentos pauperístico-evangélico, muito ativo no interior da França do século XII, que foi institucionalizado na Ordem de Grandmont, e o de Domingos de Calaruega ou Gusmão que fundou a Ordem dos Frades Pregadores ou

Dominicanos.

⁴³ Cfr. 4, 32 e 2, 44: “A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém dizia que era seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum”.

⁴⁴ M. MOLLAT, *op. cit.*, p. 119: “(...) o vestuário vil (...) a privação de calçados, a ausência de domicílio ‘fixo’, a subsistência pelo trabalho manual cotidiano e o recurso à esmola em caso de necessidade, a própria renúncia à ciência, que é uma riqueza (...) o empobrecimento vai até a perda do nome; o irmão Menor (...) toma emprestado o nome de seu patrão celeste e apenas a indicação de sua cidade de origem permite identificá-lo (...)”.

⁴⁵ M. MOLLAT, *op. cit.*, p. 117. Cfr. também O. BERNARDI, *op. cit.*, p. 53-54: “(...) Além disso, propõe compreender e viver de improviso a positividade da criação; recuperar o valor da pessoa humana sem identificar-se com as razões do mundo; alegrar-se por compartilhar as situações da existência com estranhos, peregrinos, pobres e enfermos na submissão a todos; não ter vergonha de pedir esmola; não pretender ser melhor cristão e renunciar ao uso de qualquer meio coercitivo contra os que erram (...) de fato, viver assim significa assumir, com galhardia e garra, a radicalidade da pobreza, fazendo-se, desta maneira, solidário com os marginalizados da vida, que são a imensa maioria dos seres humanos (...)”.

⁴⁶ Claudio LEONARDI, “Il Vangelo di Francesco e la Bibbia di Antonio”, *Atti del Congresso Internazionale di Studio sui Sermones di S. Antonio di Padova, Atti del Congresso Internazionale di Studio sui Sermones di S. Antonio di Padova*, a cura de Antonino Poppi, Pádua, Ed. Messaggero, 1982, p. 306: “(...) La povertà di Francesco (certo più grande di ogni povertà monastica) non è il segno di un’ asceti per liberarsi del corpo e salire fuori dalla storia in Dio, è invece il riconoscere in quella non-divinità di Gesù, nel suo corpo, il modo mediante il quale Dio appare nella storia e la abita; la povertà di Francesco non è il desiderio della contemplazione, è il segno ben più alto della sua totale identificazione a Dio mediante il Figlio incarnato, nella stessa carne del Figlio, nell’ umanità di lui, nella sua non-divinità. La povertà scelta così clamorosamente da Francesco non copre nessuna eredità gnostica, è invece il segno della differenza tra storia ed escatologia, tra Dio nella storia e Dio nel compimento finale; ma è sempre un segno di divinità (...)”.

⁴⁷ *Testamento*, in *São Francisco de Assis Escritos e biografias de São Francisco de Assis Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*, Petrópolis, Vozes/CEFEPAL do Brasil, 1981: 168. Este texto foi provavelmente ditado por Francisco em 1226, pouco antes de sua morte.

⁴⁸ Cf. J. MOORMAN, *op. cit.*, c. 8 *Expansion*, p. 62-74. Cf. também, L. IRIARTE OFM Cap.,

“Postura de San Antonio ante la primera evolución de la Orden”, *Estudios Franciscanos* 97 (1996), p. 219:“(…) *El primer paso importante hacia la estructura organizativa fue la distribución de la fraternidad en provincias o zonas nacionales. La vida de los hermanos siguió siendo itinerante, pero circunscrita a la ‘provincia’, bajo la obediencia de un ministro. Era una creación sin precedentes en la historia de las órdenes religiosas (…)*”.

⁴⁹ M. MOLLAT, *op. cit.*, p. 120: “(…) *no meio urbano, onde a pobreza fermentava sobre [sic] o império do dinheiro, o território eleito para o seu apostolado; e os cidadãos percebiam [neles] mais ou menos confusamente (…)* uma resposta a suas inquietações morais. *Através de uma alteração aparentemente paradoxal, já se fora o tempo em que os monges, pessoalmente pobres e coletivamente ricos, fugiam da cidade ‘poço de todos os pecados’, agora os religiosos, individual e comunitariamente pobres, dirigiam-se para a cidade, iam ao encontro dos ricos e dos indigentes, com uma inclinação toda especial por estes últimos. Quanto mais importante, povoada e rica era a cidade, mais se encontravam pobres em suas ruas e mais religiosos Mendicantes havia (…)* foram procurar os modelos da pobreza mais aguda para oferecer aos mais deserdados o reconforto de uma reintegração (…)

⁵⁰ Cfr. O. BERNARDI OFM, *op. cit.* p. 55.

⁵¹ Enrique Rivera de VENTOSA OFM, “San Antonio, Representante de la Primera Generación del Pensamiento Franciscano”, *Cuadernos Salamantinos de Filosofía* 22 (1995), p. 120: “(…) *Ambos pertenecían al gremio de los letrados. Éstos creyeron había llegado la hora de dar forma organizada a la orden y de introducir en ella los estudios (…)*”.

⁵² Cfr. *Crônica de Frei Jordão de Jano*, in *São Francisco de Assis Escritos e biografias de São Francisco de Assis*, ed. cit. n.º s 11, 12, p. 992, 993.

⁵³ Este frade foi o primeiro hagiógrafo/biógrafo do *Poverello*. Escreveu a *Vita Prima* em 1228.

⁵⁴ Cf. *Segunda Vida de São Francisco* in *São Francisco de Assis Escritos e biografias*, ed. cit. c. 28, p. 330. Celano escreveu esta segunda biografia de S. Francisco entre 1246-47. Cf. também Teodósio LOMBARDI OFM, “Sant’ Antonio di Padova Maestro di Teologia a Bologna. Il Problema degli Studi agli inizi dell’Ordine Franciscano”, *Atti del Congresso Internazionale di Studio sui Sermones di S. Antonio di Padova*, ed. cit., p. 806: “(…) *Si tratta invero del primo studio eretto nell’Ordine; ma mentre san Francisco si trovava nel Medio oriente e, quindi, senza la sua diretta approvazione (…)*”.

⁵⁵ *Segunda Vida de São Francisco*, ed. cit., p. 330: “(…) *E não deu licença para voltarem*

enquanto o cardeal Hugolino, então bispo de Óstia e legado na Lombardia, não afirmasse em pública pregação que a casa era sua (...)

⁵⁶ O. BERNARDI OFM, *op. cit.*, p. 58-59: “(...) existia em Francisco uma espécie de rejeição ao saber, por causa dos perigos que a ciência pode trazer para quem faz profissão de simplicidade e pobreza. De fato, os estudos supõem ter livros que, por sua vez, necessitam de casas para guardá-los. Deste modo a pobreza, assim como ele a entendia, sairia prejudicada (...)”.

⁵⁷ Teodosio LOMBARDI OFM, *op. cit.*, p. 806: “(...) dove si trovava non solo il Papa Onorio III, ma anche il cardinale Ugolino, essendosi ivi stabilita la Curia Romna dal 3 marzo 1220, al 1 ottobre dello stesso ano. Dunque gli avvenimneti accadero nel 1220, l’anno in cui (...) ritornò dalla Palestina (...) al tempo dei fatti accaduti a Bologna nel 1220, era ministro provinciale Giovanni Starchia (...)”.

⁵⁸ Cfr. Tomás de CELANO O. Min., *Segunda Vida de São Francisco*, capítulo XVII, ed. cit., p. 305-306. Cfr. outra versão do mesmo pedido in *Legenda dos Três Companheiros*, (1246) sobredita edição, c. 15, p. 690: “Então o bem-aventurado Francisco, dando graças a Deus, disse ao cardeal: ‘De muito boa vontade desejo, Senhor, ter-vos como pai e protetor de nossa Ordem, e quero que todos os irmãos vos recomendem em suas orações’. No capítulo seguinte, p. 691-693, este mesmo assunto é relatado novamente, embora diga que o encontro entre Honório III e o Poverello tenha ocorrido em Roma: “(...) Este pedido agradou ao Senhor Papa, que concedeu ao bem-aventurado Francisco o Senhor Bispo de Óstia como digníssimo protetor de sua Ordem (...)”.

⁵⁹ Enrique Rivera de VENTOSA OFM, *op. cit.*, p. 121: “(...) Lo increíble del caso es que esta alma carismática, al ejecutar su proyecto, pida al Papa por cardenal protector a quien, en aquellos días y hasta los nuestros, ha encarnado de modo más patente las exigencias del orden jurídico dentro de la Iglesia: el cardenal Hugolino, más tarde Papa.(...) el promulgador de las famosas Decretales. Esto, que parece una ironía histórica, no es más que una iluminada genialidad de Francisco (...)”.

⁶⁰ Cfr. Tomás de Celano, O. Min. *Segunda Vida de São Francisco*, ed. cit. c. 104, p. 388-389: “(...)‘Desde agora estou morto para vós. Aqui está Frei Pedro Catani, a quem obedeceremos eu e vós todos (...) Senhor, eu te recomendo a família que até agora tinhas entregue a meus cuidados. Agora, por causa das enfermidades que conheces, dulcíssimo Senhor, não podendo mais cuidar dela, passo-a aos ministros. Que eles sejam obrigados a te prestar contas, Senhor, no dia do juízo, se algum de teus frades tiver perecido por negligência, pelo exemplo e mesmo pela áspera correção’ (...)”. A parte inicial deste relato igualmente encontra-se na

Legenda Perusina, na sobredita edição, c. 105, p. 835-836. Tal como chegou a nossa época, este texto foi escrito no alvorecer do século XIV, entretanto, seu teor aproxima-se bastante daquele encontrado na *Legenda dos Três Companheiros*, (de Francisco, Leão, Rufino e Ângelo), escrita antes de 1246, e o freqüente uso da expressão, “(...) *Nós, que vivemos com ele, podemos dar este testemunho (...)*”, cfr., por exemplo, na mencionada edição, c. 2, p. 729; “(...) *Nós, que vivemos com o bem-aventurado Francisco (...)*”, *ibidem*, c. 9, p. 736, contemporaneamente, levou os estudiosos dos primórdios da historiografia franciscana a crer que as primitivas versões da mesma tenham sido da lavra daqueles três frades. Cf. também Teodosio LOMBARDI OFM, *op. cit.*, p. 809-810: “(...) *Nel capitolo di San Michele Arcangelo del 1220 (...) si dimise da ministro dell’Ordine, anche per poter meglio attendere al riordinamento della sua fraternità com la stessura di una nuova Regola. Designò a sostituirlo quale vigario Pietro Cattani, al quale poi, quando questi morì il 10 marzo 1221, dette per successore un altro suo seguace di fiducia, cioè frate Elia da Cortona (...)*”.

⁶¹ Ed. cit., vol. I, p. 5. Cfr. também P. LOMBARDO, *Libri IV Sententiarum, Prologus*, como, em nota, o indica Pinto REMA.

⁶² Cfr. XI, 3: “(...) Verum, quia alio in tempore, cum videlicet sermones per annum Dominicales componeret, apud civitatem Paduanam residentiam fecerat (...)”.

⁶³ In “Il Vangelo di Francisco e la Bibbia di Antonio”, *Atti del Congresso Internazionale di Studio sui Sermones di S. Antonio di Padova*, *op. cit.*, p. 301: “(...) È tuttavia difficile pensare che Antonio, quando scrisse i Sermones, non avesse sotto gli occhi una copia della Bibbia e soprattutto non avesse tra le mani un qualche repertorio biblico o concordanza o altro. Tanto più che egli è solito convogliare in un testo biblico base una moltitudine di altri testi più o meno paralleli (...)”.

⁶⁴ F. COSTA OFM Conv., “Sulla natura e la cronologia dei sermoni di Sant’ Antonio di Padova”, *Il Santo* 39 (1999), p. 31: “(...) il rito dell’ ordinazione sacerdotale dovette haver luogo il sabato delle Tempore d’ autunno, giorno allora destinato alle sacre ordinazioni, quindi il 24 settembre 1222 (...)”.

⁶⁵ L. BERTAZZO OFM Conv, *op. cit.* p. 24-25: “(...) É significativo o contexto com a presença de um grupo de dominicanos natos institucionalmente para a pregação, que cedem a palavra a um simples franciscano, obrigado a falar pela obediência imposta pelo superior (...) Ele, ‘heremi cultor’ que como cônego não tinha sido formado para ser um pregador itinerante, é obrigado pela obediência – gesto que caracteriza mais a vida monástico-canonical – do que a vida do movimento pauperístico franciscano – que o leva a frequentar as estradas da pregação do Evangelho (...)”.

⁶⁶ Cfr. *Assidua*, ed. citada, c. 8.

⁶⁷ F. RAPP, *op. cit.*, p. 19: “(...) António deixou o eremitério. Ficou encarregado de pregar por toda a província, de Génova a Veneza e do Friul a Rimini. As viagens que realizou nestas zonas onde as heresias cátara e valdense estavam profundamente enraizadas (...) demonstravam ao Português, habituado a ver os adversários do Cristianismo fora das fronteiras da cristandade, que um perigo tão terrível como o islão ameaçava a Igreja no seu interior (...)”. Cfr. também A. G. PILONETTO OFM Cap., *op. cit.*, p. 10: “(...) A necessidade de pregadores era premente, na época, devido ao avanço assolador das heresias (...) O aparecimento do novo pregador foi como o achado de um tesouro e sua designação para o ministério da pregação abriu campo a uma surpreendente epopéia como missionário popular itinerante (...) Impossibilitado pois de pregar aos muçulmanos, como havia escolhido, tornava-se assim, por escolha não sua, o pregador popular (...)”.

⁶⁸ G. ODOARDI OFM Conv., *op. cit.*, p. 273: “(...) Lo studio di Bologna veniva fondato tra il 1223-24. L’iniziativa poté essere di vari, come scriveva il p. Abate, del Ministro Provinciale, del Vescovo e della città che mandavano i lori alunni, dell’ Ordine: e qui da ricordare che il Vicario ne era allora Elia, e l’ animatore, sempre Francesco che non mancò di inviare il suo ‘placet’ a ‘fratri Antonio episcopo meo’ (...)”.

⁶⁹ Fidêncio VANBOEMMEL OFM., *op. cit.* p. 206: “(...) Pelo fato de Santo Antônio estar ricamente ornado pela Sagrada Escritura, por sua sólida formação teológica e doutrinal, Francisco de Assis dá-lhe um título inusitado chamando-o de ‘episcopo meo’ (...) para exprimir sua profunda veneração pelos verdadeiros teólogos e pregadores, enquanto dispensadores da Palavra de Deus (...)”.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 211: “(...) O estudo da Sagrada Teologia recebe o ‘placet’ de Francisco na medida em que (...) estiver em conformidade com a totalidade das prescrições da Regra e, principalmente, se corresponder à premissa básica da mesma enquanto convocação para se viver em conformidade com o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo (Rb 1, 1) (...)”.

⁷¹ Teodosio LOMBARDI OFM, *op. cit.*, p. 806-807: “(...) Non sembra che quelle parole, così perentorie, si riferiscano semplicemente all’impegno di appurare l’ortodossia dei frati e di concedere loro l’approvazione in base a tali indizi. Si doveva invece fare una verifica sulla efetiva preparazione dei frati per una predicazione, che ormai, attingeva i livelli dell’esegesi e della teologia. Ma per avere una tale preparazione occorreva lo studio (...)”.

⁷² Cf. José Antônio de SOUZA, “O Catarismo: movimento religioso heterodoxo popular urbano”, *Fragmentos de Cultura*, 11, n. 3 (2001): 341-354.

⁷³ F. RAPP, *op. cit.*, p. 20: “(...) *S. Francisco* (...) talvez também receasse que um grupo à parte se constituísse no seio da fraternidade e destruísse a profunda unidade que (...) tinha querido criar, sem distinção de ordens nem títulos. Essa desconfiança levou certos historiadores a pensar que de per si o santo jamais teria admitido que no interior da sua Ordem surgisse uma instituição escolar e que seria preciso para o conduzir a esse ponto a consistente actuação de Fr. Elias, que os mesmos historiadores tomam como uma espécie de Judas no seio da primitiva família franciscana. Esta opinião embora não totalmente abandonada, já não tem muitos partidários (...)”. Cfr. também M. ÀVILA, *op. cit.*, p. 27: “(...) *Malgrat tot, l'estudi era una necessitat inevitable, atès que sense ell els frares no podien exercir el seu humil apostolat. En totes les cruïlles els esperava l' heretge de torn; i era gairebé impossible fugir de la controvèrsia pública amb ell. Impossible enfrontar-se sense posseir un coneixement seriós de la Sagrada Escritura* (...)”.

⁷⁴ RnB, in *São Francisco de Assis Escritos e biografias de São Francisco*, ed. cit., p. 154: “(...) nenhum dos irmãos pregue contra a forma e a doutrina da santa Igreja nem sem a permissão de seu ministro. O ministro, porém, tome cuidado de não a conceder indiscriminadamente. No entanto, todos os irmãos podem pregar pelas obras. E nenhum ministro ou pregador se arrogue o cargo de ministro dos irmãos ou o ofício da pregação como sua propriedade, mas à mesma hora que lhe for ordenado, deponha o seu cargo sem nenhuma objeção. Suplico por isso na caridade ‘que é o próprio Deus’ [1Jo 4,8], a todos os meus irmãos que pregam, oram ou trabalham, sejam clérigos ou leigos, que tratem de se humilhar em tudo, nem se desvançam, nem sejam presunçosos, nem se envaideçam interiormente de belas palavras ou obras, enfim de nada do que Deus às vezes diz, faz e opera neles e por eles (...) Por isso vamos nós, irmãos todos, acautelá-los de toda vanglória e soberba. Guardemo-nos da sabedoria deste mundo e da prudência da carne. Pois o espírito da carne tem grande interesse em fazer muito em palavras e pouco em obras, nem procura a piedade e a santidade interior do espírito, mas antes visa e deseja uma piedade e uma santidade que apareça por fora diante dos homens (...)”.

⁷⁵ O insuspeito frei Salimbene de Parma O. Min., ingresso na Ordem em 1238, em sua *Cronica*, escrita em 1258, ed. MGH, *Script.*, vol. XXXII, e ed. G. SCALIA, Bari, 1966, p. 137, apesar de imputar a frei Elias 13 delitos ao governar a Ordem, declara “(...) *hoc solum habuit bonum frater Helias, quia Ordinem Fratrum Minorum ad studia theologiae promovit* (...)”.

⁷⁶ Teodosio LOMBARDI OFM, *op. cit.*, p. 814: “(...) *alla fine dell'anno 1223: il richiamo della lettera di San Francisco alla Regola bollata che è del 29 novembre 1223, non permette altra data* (...) *il convento dove sant'Antonio insegnò si chiamava S. Maria della Pugliola, fuori Porta Galliera* (...)”.

⁷⁷ F. RAPP, *op. cit.*, p. 22: “(...) *no verão de 1224 foi enviado para o sul do Languedoc* (...)”.

A heresia não estava extirpada. A ordem dos Irmãos Pregadores aí se encontrava (...) Os Frades menores tinham vindo em seu socorro. Desde 1220 fixaram-se em Mirepoix e Montpellier e em 1222 em Tolosa. Tanto como os seus confrades da Lombardia, tinham grande necessidade de formação teológica para enfrentar os Albigenses e poder vencê-los. Antônio dirigiu-se imediatamente a Montpellier, depois de ter participado no capítulo de Arles (...). Cfr. também M. ÀVILA, *op.cit.*, p. 13, o qual nota que desde a morte de “(...) *sant Domènec (1221) havia paralizat la tasca iniciada a Occitània per l’Orde de Predicadors. Els rebrots de l’heretgia eran cada vegada més forts; tan forts que el mateix papa Honori III (...) Organitza tota una croada de predicadors realment provats en seu zel i la seva ciència per combatre l’engany de la doctrina dels herètics (...)*”.

⁷⁸ A. G. PILONETTO OFM Cap., *op. cit.*, p. 13: “(...) *Os hereges constituíam naturalmente um dos temas centrais do sínodo. Antônio afrontou o problema, não analisando os efeitos ou falando de sua periculosidade, mas apontando suas causas mais importantes: entre elas a infidelidade dos pastores. Denunciou os prelados infiéis e mercenários e não poupou o arcebispo Simão de Sully: ‘Tibi loquor, cornute! – É a você que falo agora, mitrado!’.* Assim começou a incriminar a má conduta do arcebispo, interessado mais nos benefícios de seu feudo do que na evangelização do rebanho. E este, vencido pela acusação, reconheceu seus erros e pediu em prantos para que Antônio ouvisse sua confissão e rezasse por ele (...)”.

Cfr. também F. RAPP, *op. cit.* p. 23: “(...) *Em 1225, Antônio foi nomeado guardião dos franciscanos fixados em Puy, Em Velay, a heresia não estava arraigada, mas a ignorância dos fiéis era crassa (...) No fim do ano (...) o arcebispo de Bourges pediu-lhe para abrir o sínodo nacional (...)*”.

⁷⁹ Gustavo CANTINI OFM Conv., “Vita apostolica e azione sociale di S. Antonio”, *Atti delle due settimane antoniane tenute a Roma e a Padova nel 1946*, Vaticano, Poliglota Vaticana, 1947: 236: “(...) *Provincia Franciscana dell’Emilia e Lombardia, che allora abbracciava tutta l’Italia settentrionale, dai confini della Toscana, in su, comprendendo: il Piemonte, il moderno Genovesato e Lombardia, il Veneto col Friuli, il Bolognese con tutta la Romagna, sin giù Rimini, ai confini di Pesaro. Antonio visitò sicuramente i vari conventi della sua Provincia nei tre anni dal suo ufficio (1227-1230), ed è anche sicuro che un uomo come lei non si limitò alla semplice visita dei conventi (...)*”. Cfr. também F. COSTA OFM Conv., *op.cit.*, 1999, p. 32: “(...) *comprendeva allora tutta l’alta Italia ed era detta indifferentemente: di Romagna, di Lombardia, della Marca Trevigiana, o anche di Bologna, di Milano, di Genova, di Padova (...)*”.

⁸⁰ Cesira GASPAROTTO, “Perchè Sant’ Antonio venne a Padova”, *Il Santo*, 5 (1965), p. 211-212: “(...) *visitare ogni anno i conventi della sua Provincia, con il fine di confermare o emendare la disciplina delle singole comunità religiose e di confortare o stimolare lo zelo apostolico dei frati. Egli doveva, inoltre, promuovere nuove fondazioni conventuali e rimuovere i possibili ostacoli, che si frapponessero alla missione evangelica dei Francescani. Il Ministro*

provinciale, nel corso delle sue visite, si presentava alle autorità ecclesiariche locali e in particolare ai Vescovi, ai quali metteva a disposizione se stesso e i suoi frati per la salvezza delle anime (...)".

⁸¹ Cf. ed. cit. p. 4-5: "(...) *Para a honra de Deus, pois, edificação tanto do leitor como do ouvinte, a partir da mesma inteligência [compreensão] da Sagrada Escritura, com sentenças [frases] dum e doutro Testamento fabricámos uma quadriga, 'a fim de que nela, juntamente com Elias, a alma se eleve dos bens terrenos e, por meio de celeste viver, chegue ao céu'. E como que 'na quadriga há quatro rodas', assim nesta obra se versam [são tratadas] quatro matérias, os Evangelhos dos domingos, factos históricos do Velho Testamento, tais quais se lêem na Igreja, os Intróitos e as Epístolas da missa dominical (...) Esta arca cobre-se com as asas dos querubins, quando a alma, por meio da pregação do Novo e do Velho Testamento, se protege e defende do ardor da prosperidade mundana, da chuva da concupiscência carnal, do raio da sugestão diabólica (...)*". Cfr. também, pela ordem, 4 Rs (2 Rs) 2,11; *Glo. Ord.*, Mc 1,16; *Glo. Ord.*, Ct (*Cântico dos Cânticos*) 6, 11; I Cr ou *Paralipômenos* 28, 18. A Liturgia das Horas está organizada em *Matinas, Laudes, Prima, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas*.

⁸² Claudio LEONARDI, "Antonio di Padova e la questione francescana", *Actas Congresso Internacional Pensamento e Testemunho*, op. cit., vol. I, pág. 274: "(...) *La continuità nella sua pienezza, tra i due, si rivela nella predicazione, che rappresenta non solo il centro della vita e dell'agiografia di Antonio, ma anche il centro della vita e dell'agiografia di Francesco, che era mosso...dal desiderio travolgente che tutti i cristiani fossero realmente discepoli di Cristo, nella penitenza e nell'amore, e che tutti gli infedeli, mediante l'esempio e la parola dei frati, conoscessero quel Dio che era diventato, anche dentro di loro, uomo.*

La predicazione è la grande, nuova parola di Francesco. E Antonio è il solo, nella prima generazione francescana, che l'abbia capito sino in fondo; Antonio è perciò chi più di altri lo realizza in una continuità ideali (...) Antonio non ha vissuto quell'esperienza, non la rimpiange, non ne parla; ha cercato di capire Francesco, c'è riuscito e ne è stato più alto seguace e realizzatore (...) se Francesco ha tradito se stesso, allora Antonio è il più grande traditore della tradizione francescana; ma se Francesco è coerente con se stesso, come credo, proprio per questo Antonio è il suo discepolo più alto (...)". Cf. também, B. TAPIA OFM, op.cit., págs. 93-94: "(...) *O espírito de itinerância, de não instalação e inserção missionária, de encarnação, de provisoriidade evangélica. Nesse espírito crescem a atenção e o serviço às necessidades concretas, a situação de irmãos, Igreja, mundo humano, povo 'sedento'*.

"(...) O sentido da sacralidade da Palavra de Deus 'resumo de todo o saber'. Nada conhece quem não conhece as Sagradas Letras, o ensinamento de Cristo compassivo e misericordioso, humilde e crucificado. Da Palavra de Deus havemos de acercar-nos (...) para acolhê-la como manancial de meditação fecunda, como chamada à conversão diária, como ponto de referência constante da pregação, como estímulo de vida evangélica, em comunhão fraterna

com o homem e a natureza.

“(...) O cristocentrismo que (...) considera Cristo como modelo de humildade e paciência, como Redentor pobre e obediente, como Salvador ao qual seguimos (...)”.

“(...) Uma leitura do Evangelho além da letra, em espírito (...) Sua cultura não impede (...) uma leitura simples, direta e vital, realista e concreta, sem excessivas sutilezas alegóricas (...)”.

RESEÑAS

MARÍALOURDES SIRGADO GANHO, *O essencial sobre Santo António de Lisboa*, Lisboa, Casa da Moeda, 2000, 61 pp.

Este pequeño volumen forma parte de una colección destinada a difundir la vida y obra de portugueses ilustres, con la peculiaridad de estar a cargo de especialistas en el tema. La autora, vastamente conocida por su trayectoria académica en historia de la filosofía portuguesa, emprende esta tarea con un bagaje intelectual que sabe transmitir sin recargar con conceptos muy complejos o innecesarias muestras de erudición. Como lo indica en la introducción, al redactar esta obra fue guiada por una doble consideración; por una parte, mostrar a San Antonio como Doctor de la Iglesia, por otra, reconocerlo como un santo popular y entrañable para la cristiandad. En suma, se trata de mostrar que “San Antonio de Lisboa y de Padua es, verdaderamente, el santo más universal, pues presencia está marcada en todo el mundo” (p. 3)

De esta doble motivación se desprende el recorrido textual: la vida, la obra, su enseñanza a los franciscanos y su influencia en otros autores hasta el s. XX, las fuentes de su pensamiento, el contenido de su pensamiento (la naturaleza, el hombre, su Cristología, y su mística), los símbolos iconográficos de su santidad, la devoción popular (incluyendo la famosa historia de su “alistamiento” en el ejército portugués en 1655 por orden del Rey Alfonso VI, para que lo defendiera durante la Guerra de Restauración) y la devoción antoniana en el mundo. Aunque el libro incluye, en sus páginas finales, una concisa y bien seleccionada bibliografía, en la parte central y para ilustrar el pensamiento, la autora se atiene estrictamente a la obra misma.

En la Conclusión que cierra el texto, la autora hace breves y atinadas consideraciones sobre el sentido y lugar que cabe a San Antonio en la historia de Occidente. Indica ante todo que fue una de las figuras más determinantes de la Iglesia y la cultura portuguesa, en los tiempos del inicio de su propia conciencia como nación. Y con respecto a nuestra época, su actualidad puede marcarse con claridad en niveles: en primer lugar, la preocupación por el prójimo sufriente y la valoración de la

fraternidad; luego, en cuanto a la devoción, el hecho mismo de ser uno de los cultos más difundidos y fuertes, muestra que existe una profunda empatía con el pueblo sencillo, una identificación con la vida de los humildes y los necesitados de protección. Por eso puede hoy ser todavía un modelo, no sólo religioso cristiano, sino también humano en general.

Celina A. Lértora Mendoza